

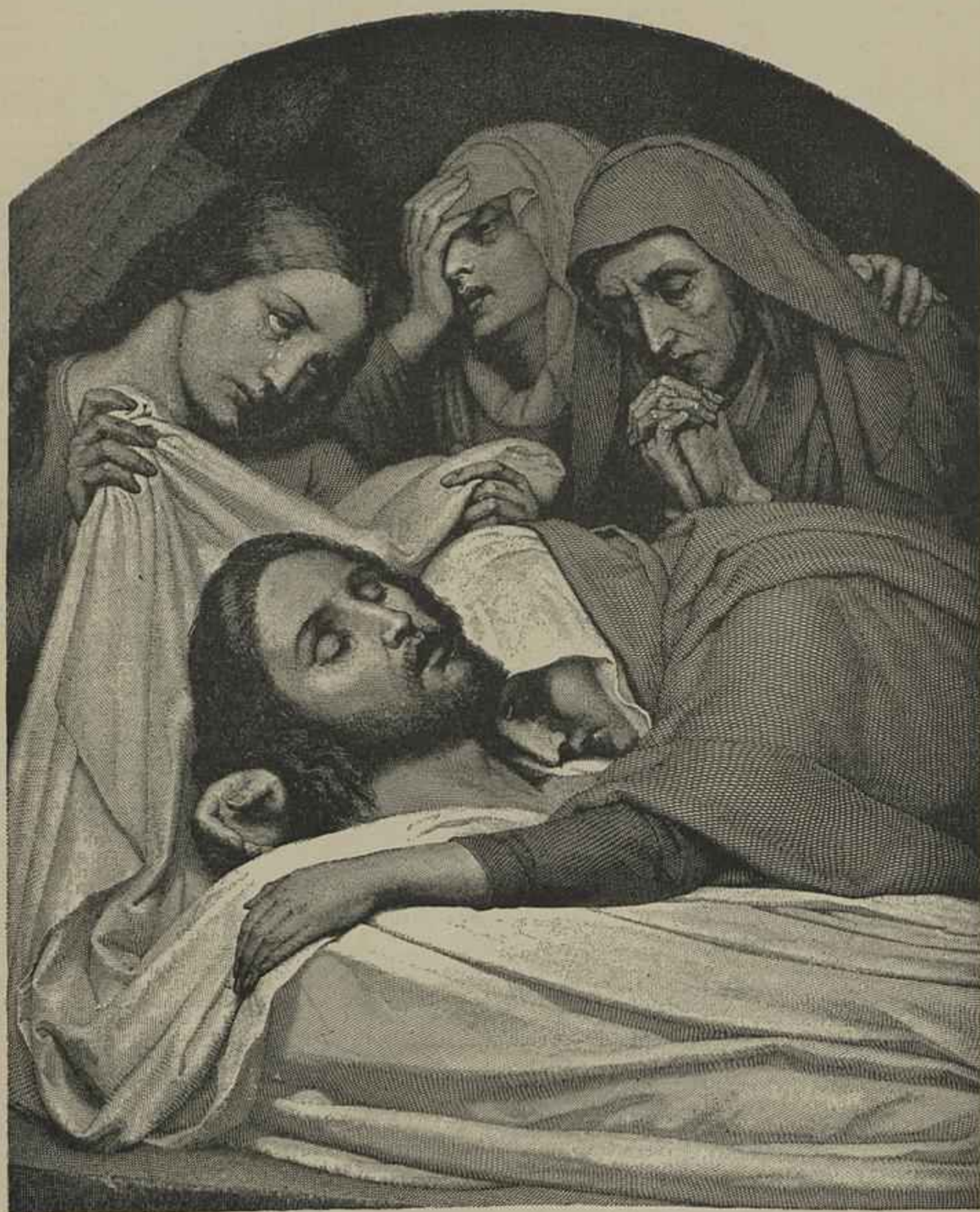
# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Anno 18.º

5 de Abril de 1895

Volume XVIII — N.º 586



AS SANTAS MULHERES ANTE O CADAVER DE JESUS CHRISTO





## CHRONICA OCCIDENTAL

O anno de 1895 vae sendo para nós o anno dos congressos.

Ha pouco tempo ainda que Lisboa teve o seu congresso de Viticultura, e já Coimbra acaba de ter outro congresso, congresso d'alta importancia scientifica e social, o Congresso da Tuberculose, que foi muito concorrido, que fez muita honra á medicina portugueza e cujos brilhantes trabalhos, sabiamente dirigidos, mereceram a uni dos congressistas, uma das illustrações scientificas da nossa terra, o sr. Conselheiro Silva Amado, a seguinte apreciação:— Nunca em Portugal se fez tanto em tão pouco tempo, e nos congressos scientificos a que tenho assistido nunca vi mais interes e pelas questões scientificas nem mais regularidade e proficua direcção nos trabalhos.

N'estas palavras do illustre e honrado homem da sciencia está o melhor elogio do congresso, que se deve á entusiastica iniciativa d'um quintanista de medicina, da Universidade de Coimbra, o sr. Antonio Baptista Leite de Faria e á actividade, auctoridade scientific e dedicacão do sr. dr. Augusto Rocha que perfilhou essa iniciativa e trabalhou ardentemente para pôr a idéa em pratica.

Foi na inauguração do monumento á memoria do dr. Cruz Sobral, na Guarda, que o sr. Leite de Faria, fallando como representante do seu curso, aventou a idéa de se celebrar em Coimbra um congresso sobre a tuberculose. E ao mesmo tempo marcou logo a data para a celebração d'esse congresso, data bem escolhida, o dia 24 de março de 1895, o dia do 13.<sup>o</sup> anniversario da descoberta do bacillo da tuberculose pelo dr. Kock.

A idéa do talentoso quintanista da Universidade foi acolhida com entusiasmo pelo numeroso grupo de estudantes de medicina e de homens de sciencia, que se tinham reunido na Guarda para prestar a derradeira homenagem á memoria do benemerito dr. Sobral: os estudantes da Universidade, apenas regressaram a Coimbra convocaram uma assembléa geral dos seus cursos e n'essa assembléa foi eleita, por aclamação, a commissão promotora do congresso, commissão, que convidou logo para seu presidente o sr. dr. Augusto Rocha, lente do 5.<sup>o</sup> anno da Faculdade de medicina, medico illustre, muito conhecido e respeitado tanto entre nós como no estrangeiro, pelos seus trabalhos scientificos e pelos seus estudos sobre a tuberculose, e que no congresso de Berlim, em 1890, teve a honra de ser eleito presidente effectivo da secção de medicina interna, e no de Roma, em 1894, onde esteve como delegado do governo portuguez, foi igualmente presidente effectivo da mesma secção e presidente honorario da mesa geral do congresso.

O sr. dr. Augusto Rocha abraçou com entusiasmo a idea do seu discipulo, dedicou-se de corpo e alma á sua realisacão e effectivamente, no curto prazo de tres mezes conseguiu organisar esse notavel congresso, que, foi um acontecimento scientifico de alta importancia não só para Coimbra, como tambem para todo o paiz.

No Domingo 24 de março á 1 hora da tarde na sala dos Capellos da Universidade, inaugurou-se com toda a solemnidade o Congresso da Tuberculose com a assistencia de numerosos congressistas e na presenca do sr. Bispo Conde de Coimbra, auctoridades civis e administrativas, camara municipal, e officialidade do exercito.

A mesa do congresso era occupada pela commissão promotora e o sr. dr. Augusto Rocha leu o discurso inaugural que foi ouvido de pé e acolhido com entusiasticos applausos.

Em seguida foi eleita por aclamação a mesa geral do congresso que ficou composta da seguinte forma:

Presidente effectivo, dr. Costa Simões, reitor da Universidade.

Vice-presidente, dr. Bernardo Mirabeau, decano da faculdade de medicina.

1.<sup>o</sup> Secretario Ayres de Ornellas representante da Sociedade de Sciencias Medicas.

2.<sup>o</sup> Secretario, João Sabino de Sousa, representante do hospital Veterinario de Lisboa.

1.<sup>o</sup> Vice-Secretario, Agostinho Lucio da Silva, representante da Sociedade de Geographia.

2.<sup>o</sup> Vice-Secretario, Annes Baganha, delegado de saude pecuaria de Lisboa.

Presidentes honorarios foram eleitos vinte e oito sendo o primeiro o illustre sabio allemão, o dr. Kock a quem o congresso saudou em telegramma e que em telegramma respondeu immediatamen-

te agradecendo e saudando o congresso scientifico portuguez.

A sessão terminou ás 3 horas e meia da tarde tendo havido muitos discursos de congratulação, agradecimento e saudação, reinando sempre o maior entusiasmo.

O congresso inaugurou-se com 388 adhesões. A noite houve illuminações nos paços do conselho, na universidade, governo civil, em alguns edificios particulares, musicas pelas ruas, e sarau litterario pelos estudantes de medicina no theatro circo.

Na segunda feira 25 começou o congresso as suas sessões ordinarias que foram cinco: tres diurnas e duas nocturnas.

N'essas sessões fallaram largamente os srs. dr. Augusto Rocha, Pinheiro Torres, Chaves de Lemos, Espina y Capo, illustre medico hespanhol do hospital geral de Madrid e notabilissimo especialista de molestias pulmonares, Silva Joannes, Annes Baganha, Sabino de Sousa, Silva Telles, Lucio Nunes, Silva e Santos, Charles Lepierre, preparador do laboratorio de microbiologia, Zeferino Falcão, Lopo de Carvalho, Paulo Nogueira, dr. Silva Amado, Forbes Costa, Serra e Silva, José Maria Casqueiro, Leite de Faria, Costa e Almeida, Correia Mendes, Lopes Vieira, Cortes Meneres, Oliveira Monteiro, Ulysses Braga, Carlos Monteiro, Abel d'Andrade, dr. Costa Simões, Euphancio Marques, Nunes Godinho, Philomeno da Camara, Teixeira de Queiroz, Aureliano Viegas, e leram conferencias nas sessões nocturnas os srs. Espina y Capo, Lopo de Carvalho, Sabino de Sousa, Cesario d'Abreu, Paulo Nogueira, Gonçalves Nunes, conferencias que foram todas muito applaudidas e estão sendo impressas para ser distribuidas pelos congressistas.

No dia 27 foi encerrado solemnemente o congresso da Tuberculose, propondo o sr. dr. Augusto Rocha e sendo approvado por aclamação, que o segundo congresso da Tuberculose se realisasse em Lisboa em 1898, sob a presidencia do conselheiro Silva Amado, que agradeceu a honra que se lhe fazia, prometendo envidar todos os seus esforços para a realisacão d'esse congresso.

A sessão foi encerrada no meio de ruidosos vivas á medicina portugueza, ao dr. Augusto Rocha, á universidade, aos congressistas, etc.

No congresso, entre outras coisas, delibrou-se que se peísse ao governo a creação em todas as cabeças de districto de gabinetes de analyses bacteriologicos e bacterioscopicos; que se agradecesse aos ministros do reino, obras publicas, guerra e marinha, o seu auxilio ao congresso, que se lançasse um voto de louvor ao sr. Elvino de Brito pelas medidas que, como director geral de agricultura, tem posto em pratica com referencia á vigilancia e estado sanitario das vaccas leiteiras, e que se nomeasse uma commissão dos congressistas residentes em Coimbra para proseguir nos trabalhos iniciados pelo congresso.

Acabou ha oito dias o congresso nacional da Tuberculose e já se annuncia para muito breve outro novo congresso, o congresso catholico internacional.

Este congresso no qual tomarão parte muitos preludos estrangeiros e muitas das sumidades do catholicismo europeu deve realisar-se nos dias 25, 26, 27 e 28 do proximo mez de junho e faz parte das festas religiosas com que este anno Lisboa solemnisa extraordinariamente e pomposamente o centenario de Santo Antonio.

São numerosas essas festas e dividem-se em duas categorias; festas religiosas e festas civicas.

As festas religiosas serão no dia 13, dia de Santo Antonio, festa ao santo na Real Casa do dito santo e á tarde a procissão de Corpo de Deus que em vez de passear somente em torno do largo da Sé, como ha muitos annos se costumava fazer, percorrerá as ruas principaes da cidade baixa, com grande pompa e esplendor; *Te-Deum* solenne e sermões nos dias 17, 18 e 19, em Santo Antonio, Sé e S. Vicente; no dia 22 vespuras e matinas em S. Vicente, officiendo o Cardeal Patriarcha e no dia 23 missa de pontifical seguida de benção papal, sendo a musica da missa escripta expressamente pelo distincto amator o sr. Adolpho Sauvinet e no dia 30, depois de encerrado o congresso catholico, grande procissão de Santo Antonio que sahindo de S. Vicente de Fóra percorrerá as principaes ruas da baixa chegando até á Aveida e recolhendo depois á Sé Patriarchal.

As festas civis cujo programma ainda não está detalhado por dias, realisar-se-hão, desde o dia 12 ao dia 30 de junho, 18 dias de festa e cons-

tam de um arraial no Terreiro do Paço todo illuminado e embandeirado, havendo durante a noite os *milagres de Santo Antonio*, em quadros illuminados que serão vistos de toda a praça, musicas e fogos d'artificio; cortejo civico com carros enfeitados e symbolcos; cortejo fluvial conduzindo em brigantin real, desde o caes de Santa Apollonia até a Rocha de Conde d'Obidos a imagem de Santo Antonio que d'ahi será transportada processionalmente á egrgia de S. Francisco de Paula, local onde no seculo XIII ficava situada a quinta do pae de Santo Antonio, quinta onde o Santo passou a sua mocidade; regata internacional, festa veneziana no Tejo com fogo e navios illuminados; touradas em Algés e no Campo Pequeno, batalha de flores na Avenida, recita de gala no theatro de D. Amelia, pela companhia do theatro do Gymnasio, representando-se o *Santo Antonio* oratorio do fallecido Braz Martins, festa da infancia no Bairro Andrade, festa do trabalho na Villa Santo Antonio, á Junqueira, festa gymnastica no Colyseu, concursos de philarmonicas, de fogos d'artificio, etc.

Em todos os festejos officiaes será executado o Hymno-Marcha de Santo Antonio, composto expressamente pelo illustre maesiro portuguez o sr. Augusto Machado, letra de D. João da Camara.

Todos estes festejos que promettem ser brilhantissimos e trazer a Lisboa grande numero de forasteiros, tanto da provincia como do estrangeiro, pois ha comboyos para o estrangeiro e para a provincia a preços muito redusidos, são promovidos por uma grande commissão de que é presidente honoraria Sua Magestade a Rainha D. Amelia e presidente effectiva a Sr.<sup>a</sup> Marqueza de Fronteira e de que fazem parte todos as senhoras mais illustres da nossa sociedade.

A gran te commissão central delegou o encargo de confeccionar o programma dos festejos n'uma commissão executiva composta dos srs: marquez de Pombal, presidente; conde d'Avia, secretario; conde de Burnay, thesoureiro; marquez de Fronteira, Oliveira Pires e Carlos da Silva Pessoa, vogaes.

Novidades theatraes poucas temos.

O theatro D. Amelia apresentou finalmente os famosos quadros vivos de ha tanto tempo annunciados e apesar da belleza plastica d'algumas das artistas não alcançaram o exito que se esperava e que tem tido lá por fora.

E não tiveram esse exito, cremos, porque a maior parte dos quadros reproduzidos não são nossos conhecidos, e porque é diminuto o numero de figuras que tomam parte n'elles. Este espectáculo não é absolutamente novo para Lisboa como do principio se dizia.

Ha muitos annos já, ha coisa de quarenta houve em Lisboa quadros vivos pela companhia da M.<sup>o</sup> Tournour, na velha praça do Salitre, quadros vivos com rotaçao e com movimento, que eram muito applaudidos e que faziam parte de todos os espectaculos de domingo, assim como tambem o fogo d'artificio que era de primeira ordem: muito mais recentemente uma companhia estrangeira exhibiu uns quadros vivos, pelo mesmo systema de rotaçao, no theatro do Gymnasio e não fez grande fortuna. Os quadros vivos do Theatro de D. Amelia não foram muito mais felizes: são bonitos, graciosos, artisticos, mas tem pouco espectáculo e reproduzem telas que geralmente o publico não conhece e por isso não produziram o effeito com que se contava, e pouco tempo mais se demorarão em Lisboa, annunciando-se já para o dia 13 do corrente a estreia da companhia dramatica hespanhola da illustre actriz Marie Tubau, uma das actrizes mais gloriosas da Hespanha e que tem no seu repertorio as melhores peças de Dumas filho, de Sardou, de Augier, e de Paileron.

Outra novidade é a chegada a Lisboa da excelente companhia d'opera comica do festejado actor Taveira, a companhia do theatro do Principe Real do Porto, que tem muita e justificada fama em Lisboa e que todas as vezes que cá vem faz sempre larga colheita de applausos.

A companhia Taveira vem dar uma serie de espectaculos com o seu repertorio que é esplendido e vastissimo, no theatro da Rua dos Condes, cuja companhia partiu para o Porto a representar ali a *Tosca*, a *Ignez de Castro* e a *Marechala*.

São esperados por estes dias em Lisboa suas altezas o sr. duque d'Orleans e princeza Helena, que vem passar a semana santa em companhia de



sua augusta irmã Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia.

A princeza Helena foi ha dias pedida em casamento por sua alteza o sr. duque d'Aosta, filho do fallecido rei Amadeu e sobrinho de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

O casamento dos illustres principes realizar-se ha muito em breve em Turim, na igreja real do Santo Sudario, com a maior pompa, pois é essa a vontade do rei de Italia, tio do noivo, devendo agora em Lisboa marcar-se d'accordo com o rei e a rainha de Portugal o dia em que a cerimonia se hade effectuar. El-Rei D. Carlos, e as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia vão a Italia assistir ao casamento, sendo El-Rei D. Carlos e o duque d'Orleans os padrinhos de sua alteza a princeza Helena.

Gervasio Lobato



## AS NOSSAS GRAVURAS

### AS SANTAS MULHERES ANTE O CADAVER DE JESUS CHRISTO

Foi importante o papel que as mulheres tiveram na grande tragedia do Golgotha, papel amavel, cheio de dedicacão pelo divino martyr, contrastando a doçura com que acolheram o filho de Deus, com a crueldade com que elle foi tratado pelos homens.

As mulheres mais sensiveis ao amor, melhor comprehenderam toda a doçura da doutrina de Jesus.

Emquanto os homens velpendiaram e crucificaram Jesus, as mulheres reconheceram a sua divindade e depois de o terem acompanhado nos dolorosos transe da sua paixão, acercaram-se do seu divino cadaver contemplando-o cheias de dôr.

Maria Magdalena, Maria Salomé e Maria de Cleopha, acompanharam a mãe de Jesus, a formosa virgem de Nazareth, que junto ao cadaver de seu amado filho, inonda com suas bemditas lagrimas na final separação.

São estas Santas Mulheres que ungem o corpo iname de Jesus com preciosos balsamos e choram a morte do Justo que se sacrificou pela humanidade inteira.

### JESUS CHRISTO LAVANDO OS PÉS AOS SEUS DISCIPULOS

QUADRO ATTRIBUIDO A RAPHAEL

Attribue-se este quadro a Raphael.

Todavia, Eugenio Muntz na sua obra não nos dá noticia d'este quadro.

O que é certo, para nós, é ser obra de um grande artista que imitou a maneira de Raphael.

Ha um quadro d'este pintor *O Senhor no túmulo* cujo estudo respectivo se guarda na Universidade de Oxford o qual apresenta na composição e em algumas figuras notavel semelhança de posições.

Imitou bom mestre o artista auctor do nosso quadro e mesmo na estampa se podem apreciar as expressões das figuras rigorosas com o Evangelho.

Como se reflectem bem no rosto de S. João as suas qualidades affectivas que por serem de extrema delicadeza lhe deram a afeição de Christo, que por esses dotes superiores do coração o tinha por seu discipulo amado. Como é verdadeira a estupefacção de S. Pedro, o afastamento de Judas, e a attenção dos outros apóstolos.

Nunca um quadro traduziu melhor o passo que pretendeu representar. Todas as figuras fallam, de todas transparece fielmente o character.

Para que analysar o assumpto biblico? Nada pedemos ajuntar ao que é sabido. Christo dava assim, com esta cerimonia de lavar os pés, uma profunda lição de humildade, como só era capaz a sua grande sabedoria.

E' este passo o que a Igreja commemora na quinta feira santa pois que a *Ceia do Senhor* teve lugar dois dias antes da Paschoa.

Rememoremos as palavras santas que Elle lavando os pés a S. Pedro solto.

«Tenho-vos dado exemplo para que façaes uns aos outros o mesmo que eu vos fiz a vós.»

Admiravel exemplo! Enorme lição de humildade!

### JESUS CHRISTO EM CASA DE MARTHA E DE MARIA

A formosa peccadora de Magdalo, Maria Magdalena cabira arrependida aos pés de Jesus, e recolhida a casa paterna de Bethania onde vivia ainda seu irmão Lazaro e sua irmã Martha.

Despojara-se de todos os adornos e riquezas que tinham feito as delicias da sua vida mundana, e vivendo agora só para Deus, desprezara os amantes que constituiram a sua côrte no Castello de Magdalo.

Jesus percorria a Judéa pregando as suas santas doutrinas e n'aquelle dia apparecia em Bethania de passagem para Galiléa onde ia visitar sua santissima Mãe.

Hospedou-se em casa de Martha, como costumava e enquanto esta lhe preparava o jantar para Jesus e seus discipulos, Maria Magdalena, sem se occupar de mais nada, de joelhos aos pés do Nazarenho ouvia enlevada a sua divina palavra.

Martha a quem o excesso de trabalho pesava advertiu sua irmã para que a ajudasse, e dirigindo-se a Jesus disse:

«Senhor não vêdes que minha irmã me deixa servir só? Dizei-lhe que venha ajudar-me.»

Ao que Jesus respondeu:

«Martha tu andas sempre lidando com cuidado em muitas coisas; mas só uma coisa é necessaria. Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada.»

Estas palavras do Divino Mestre exprimem quão melhor é lidar nas coisas do ceu, que nos trabalhos da terra.

### JESUS CHRISTO E A SAMARITANA

Dirigindo-se Jesus para Galiléa passou por Samaria.

O dia in em meio e o sol abrazava e Jesus sentou-se a descansar junto d'um poço, n'uma terra de Jacob, a pouca distancia de Sichem a orgulhosa cidade que tinha desprezo pelos judeus.

Uma formosa Samaritana, chegou ao poço para encher uma amphora que trazia.

Jesus olhou a compassivamente e pediu-lhe de beber.

A Samaritana extranhando que um Galileu lhe pedisse de beber, a ella, que era de Samaria, respondeu a Jesus.

— Como pedes tu judeu de beber a uma filha de Samaria!

E Jesus respondeu:

— «Se tu conhecesses o bom Deus e a mim que te peço de beber, tu lhe pedirias e elle te daria agua viva.»

E a Samaritana disse então:

— «Se tu não tens com que tirar agua d'este poço como me poderias dar essa agua viva? Te rás tu mais poder que o nosso pae Jacob que nos deu este poço?»

— «Todo aquelle que bebe d'esta agua tornará a ter sede, mas o que beber da agua que eu lhe der não tornará a ter sede.»

A Samaritana impressionada pelas palavras de Jesus, exclamou:

— «Senhor dae-me d'essa agua.»

— «Vae, disse Jesus, chama teu marido e vem aqui com elle.»

— «Não tenho marido, respondeu e avergonhada a Samaritana, roborisando-se ante o p. ríssimo olhar de Jesus.»

— «Bem disseste, porque cinco tens tido e o que está contigo não é teu marido.»

— «Senhor vejo que és propheta e sereis vós o Missias que ha de vir e declarará todas as coisas?»

— «Eu sou o Missias.»

E a Samaritana se ajoelhou aos pés de Jesus.

— «Mulher, chegou o tempo de adoraes em espirito e com verdade o verdadeiro Deus que estará em toda a parte.»

E n'isto chegaram os discipulos de Jesus que tinham ido á cidade buscar viveres.

A Samaritana se foi á cidade a contar o encontro que tinha tido, bradando:

— «Vinde vêr o homem que me revelou a minha vida. Será elle o Missias?»

### Uma Heroína Franco-Portugueza

(Concluido do n.º 584)

#### IX

Não entraremos nas minuciosidades da politica de Dupleix, politica em que foi tão efficaçamente auxiliado por sua esposa. Consistiu tão principal-

mente em estabelecer junto dos grandes regulos indianos o protectorado francez. Com a alliança d'elles sobresurgiu completamente a preponderancia ingleza e dilatou extraordinariamente o dominio da França. Os nababos iam coruar-se a Pondichery, as suas tropas juntas com as tropas francezas faziam maravilhas, e era sempre a Beguim Jan, a princeza Joanna, M.<sup>me</sup> Dupleix quem mais actuou no animo dos nababos para lhes arrancar todas as concessões. Conservam-se em archivos francezes os rescunhos das cartas que M.<sup>me</sup> Dupleix lhes escrevia, e o sr. Guit. pode fazer a interessantissima historia do que elle chama «duas campanhas epistolares,» em resultado das quaes a França conseguiu vencer tambem as manobras dos Inglezes. Não entraremos n'esse caminho, mas apenas mostraremos como a Portugueza se sente nas manobras politicas que ella dirige ao lado de seu marido.

Portugal esteve enfeudado então á alliança ingleza, e Dupleix não podia considerar os portuguezes na India senão como uns adversarios, mas fez todos os esforços para os attrahir e para se ligar com elles. Um celebre aventureiro portuguez, D. Antonio José de Noronha, que, professando na ordem de S. Francisco, tomara o nome de fr. Antonio da Encarnação, foi nomeado commissario provincial, e visitador das missões da costa do Malabar e Corrandei. Foi n'essa qualidade a Meliapor, e ali largou o habito, e foi por isso expulso da ordem. Já conhecia n'essa occasião M.<sup>me</sup> Dupleix, e foi de accordo com ella que tomara essa resolução para poder representar um papel militante na politica franceza, ou foi depois d'esse *coup de tête* que se dirigiu para Pondichery, onde M.<sup>me</sup> Dupleix o acolheu e aproveitou? Não sabemos, mas o que é certo é que Chund Saib, o nababo de Carnatu, em cujo nababio estavam incluídos os territorios de Pondichery e de Madrasta, em 1748 fez a D. Antonio José de Noronha a doação das aldeias de Meliapor. Essa doação foi naturalmente feita por M.<sup>me</sup> Dupleix, a quem os nababos de Carnatu faziam directamente doações n'esse genero, authorisando a transferil-as para quem quizesse, como se vê de um *poravans* de 1751, traduzido no folheto do sr. Guit, e em que o nababo de Carnatu fez a «Joanna Beguim, esposa do sr. Dupleix Bahadour Zefersing (sempre victorioso) governador de Pondichery as aldeias de Archemangalam e Chemdenour... Por isso é ordenado dar posse das duas citadas aldeias aos procuradores da dita senhora Joanna Beguim, que pôde *dispor d'ellas em favor de quem julgar conveniente.*»

Foi assim de certo que D. Antonio José de Noronha obteve de M.<sup>me</sup> Dupleix as aldeias de Meliapor, que offereceu immediatamente ao governo portuguez, não sendo outro o fim de Dupleix. O marquez de Castello Novo, foi então transformado em marquez de Alorna em recompensa de ter conquistado aos mahraltas e praça d'este nome na India, acceitou o dadios e conferio a D. Antonio José de Noronha o titulo de *director e procurador da nação portugueza.*

Apezar do dadios ter sido feito muito correctamente pelo governo indigena, os inglezes não se deixaram illudir, e sem se importarem com o titulo que Noronha assumiu de *procurador* de uma nação aliada, mandaram a Meliapor um força de 1200 homens, que expulsou — iamos a dizer facilmente, mas não foi tão facilmente como isso — o ex-frade portuguez da sua conquista. Effectivamente elle apesar de ter apenas 20 homens e quatro peças de artilheria, metteu-se na velha cidadella portugueza, e defendeu-se durante oito horas intrepidamente, fugindo depois para Pondichery onde encontrou fallecida a sua patricia D. Isabel Rosa de Castro, mãe de M.<sup>me</sup> Dupleix D. Antonio José de Noronha perdéra Meliapor no dia 14 de outubro de 1749, e a 17 de julho d'esse anno morria em Pondichery com 65 annos a dedicada portugueza que acompanhara sempre a sua notabilissima filha e que no seu coração e no seu espirito manteve a memoria da patria dos seus avós.

#### XI

A alliança franco-portugueza, sonhada por M.<sup>me</sup> Dupleix, não podera realizar-se, e a França tambem não comprehendia os altissimos serviços que lhe estava prestando o seu heroico filho. Pela paz d'Aix-la-Chapelle Luiz XV victorioso retrocedia comtudo á Inglaterra a cidade de Madastrá, e em 1754, chamando o marquez Dupleix a Paris, mostrou não ter a minima idéa de gigantes, o plano que Dupleix imaginara, e que seria tão capaz de executar! O povo mais justiceiro, entusiasmado com as glorias de Dupleix, com as suas victorias na India, com o predomínio que elle soubera dar ao nome francez, acolheu o com entusiasmo, logo que elle chegou ao Havre, fazendo-lhe ovações extraor-



dinários. A presença de M.<sup>me</sup> Dupleix mostrou também muita cariosidade, e sympathias, pelo menos entre os que conheciam o seu heroico procedimento. A corte acolheu-a com muita obsequiosidade, e a marquezia de Pompadour folgou imenso de a receber e da conversar largamente com ella.

A Companhia das Indias é que lhe não perdoou o ter recusado 10 milhões de francos por Madras, que Luiz XV depois entregou de graça aos Ingleses, e fazia — é o caso de o dizer — ouvidos de mercador ás reclamações de dinheiro que Dupleix fazia, porque não estava ainda reembolsado dos muitos adiantamentos que fizera durante os

elementos constitutivos do organismo, que vem do leite maternal, e da educação e da inspiração da mãe, de forma que effectivamente se sentem a cada instante, no procedimento da filha de Jacques Alberto e de Isabel de Castro as qualidades características da mulher portugueza:

2.<sup>o</sup> Porque a cada instante se manifesta na sua vida o facto tocante de não ter ella nunca esquecido a patria de sua mãe, a sua lingua, as suas tradições e o culto pela sua gloria.

Foi o que quizemos pôr em relevo no nosso brevissimo estudo.

*Pinheiro Chagas.*

feição, em breve perdemos de vista as adustas costas da Hespanha; e agora, em vez d'aquellas arribas, negras quaes ferreas muralhas, contemplavamos, com enlévo, as praias amenas e risonhas do formoso Portugal, terra dos olhos negros, dos saborosos fructos e das flôres. Estava o mar liso que nem um espelho e o navio vinha deslisando com movimento sereno e quasi imperceptivel. Respiravamos com delicia tão suave quanto branda atmospheria. Melhor clima e mais sadio não sei que o haja, em todo o mundo. O ar tepido das zonas meridionaes é aqui temperado, de continuo, pela briza fagueira, que anima e como que infunde vigor aos corpos.



JESUS CHRISTO LAVANDO OS PÉS A SEUS DISCIPULOS — QUADRO ATTRIBUIDO A RAPHAEL.

apuros, dos seus cofres particulares. Joanna Dupleix, empregando agora em favor dos interesses de sua familia a sua magica penna que soubera empregar com tanta arte em serviço da patria, escrevia a todos os influentes, e conseguiu senão pagamentos promessas; mas o clima de França fora fatal aquella filha do calido Indostão. Anno e meio depois de chegar á Europa, falleceu Joanna Dupleix em Paris no dia 4 de dezembro de 1730 com 50 annos de idade.

A França presta á gloriosa mulher um verdadeiro culto, e a esse culto nos associamos por um duplo motivo:

1.<sup>o</sup> — Porque nas suas veias circulava de envolta com o sangue francez de seu pae o nosso bom sangue portuguez, e assim juntaram-se todos os

## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

FELHAS SOLTAS DO DIARIO DE UM VETERANO

### VI

Estavamos, havia dias, na Corunha, em doce ocio e levando vida regalada, eis senão quando, veio ordem de partida. Era, pois, chegada a hora de dizermos adeus—d'uma vez para sempre—ao molino e malfadado transporte em que viéramos de viagem para a Galliza. Alegres, portanto, e satisfeitos, embarcámos a bordo de uma fragata, que levantou ferro e, acto continuo, se fez de vela, no romo de Lisboa. Com optimo tempo e vento de

Se houve alguma vez viagem digna de lembrança, ou travessia, que aos passageiros deixasse saudades, foi, sem duvida alguma, a nossa. A sollicita hospitalidade e as attentões que, a todo o momento, tão prodigos, nos dispensavam, assim o capitão, como toda a officialidade de bordo; o tempo sempre entretido e bem passado em continuas diversões e alegre convivencia—emfim, ninguém poderia exigir mais, nem talvez tanto.

Deslizavam, rapidos, como que em vistoso alardo, perante nossa vista enlevada, e com incessante variedade os imprevisitos, quanto pittorescos aspectos da costa. Dir-se hia que estava parado o navio: a illusão era completa. Por tal forma esplendido, na sua diversidade, se nos antolhava o scenario, que a ultima vista apparecida afigurava-se-nos sempre a mais bonita. Igrejas, conventos,



moinhos a girar; pomares, laranjeiras, vinhas, campos fertilíssimos perpassavam velozes como que em panorama movente. Em successão rápida iam desapparecendo montes agrestes, colinas verdejantes, vales profundos, sarapintados de casinhas brancas como a neve. Aqui e acolá, formosas quintas e granjas pittorescas, destacavam d'encontro a pujante vegetação que alcatifava, na distancia, de aveludados verdes, as soberbas montanhas que lhe serviam de abrigo e natural barreira, e cujas cristas, em ondulações graciosas, se recortavam sobre a atmosphera limpida.

Quadro era este, cujo encanto, cuja animação e cuja vida, estavam, sem duvida, a par de quanto ha mais bello no universo.

A's vezes, o aspecto de qualquer sitio nos despertava no animo, vivas saudades da nossa terra. O que, porém, lá não tinhamos, eram estes verdes assim viçosos, a espalhar-se no azul limpido e

Entre o grupo de gente assaz heterogenea, a qual, em pé no tombadilho do bote, esperava, impaciente, o momento de abordar a fragata, divisei um cambista, ladeado por duas mesquinhas *sereias*, muito emboncadas em safados arrebiques, quaes tristes mascaras em fim de entrudo.

O tal figurão do *signor*,<sup>1</sup> sem se prender com ceremonias, e como quem estava em sua casa, veio entrando por ali dentro, em companhia das donzellihas, desceu pela escotilha e foi ter á praça d'armas, meneando se pelo caminho, com ares de grande importancia. Sacou do seio uma carteira, e d'esta um masso de attestados, que abonavam sua exemplar honradez e nimia respeitabilidade—não logrando, diga-se a verdade, inspirar nos maior confiança—; fez signal ás corypheas para que abrissem o spectaculo com os seus maviosos cantos e tangêres. Entoaram as beldades umas lóas; lamurias assaz monotonas que pouco

mendando-se a todos os santos e a mais ainda—armaram berreiro infernal; viraram de bordo, e o barco pondo a prôa em terra foi-se afastando ligeiro.

Despedimonos, saudosos, dos nossos amigos e companheiros na travessia, trocando protestos de mutua estima, e viemos desembarcar ás escadarias do caes que dá accesso para o grande largo do cavallo preto; (o Terreiro do Paço) seguimos d'ali para o hotel de Mrs. O'Donnell, na rua... (?); onde fizemos frente a um excellente almoço, constante de ovos, carnes frias, conservas, fructas, chá, café, etc., e fomos depois dar um giro pelas ruas de tão famosa cidade. Passamos todo o dia em terra, explorando quanto nos consentiu tão curto espaço de tempo, e fomos, afinal, jantar ao hotel inglez de Mr. Bunker, aonde, segundo nos tinham informado, encontraríamos bom tracto, accommodação asseada—e cumpre declarar que os factos



JESUS CHRISTO EM CASA DE MARTHA E DE MARIA

profundo do Oceano, tão sereno n'estas paragens; nem a luz vibrante d'este fulgurante sol do meio-dia.

Ainda bem não havíamos lançado ferro, no Tejo, veio logo ao nosso encontro e abordou a fragata, um grande barco, dos taes que arvoram enormes velas latinas, carregado de fructa e de verduras, em toda a variedade, e trazendo tambem aguardente e tabaco para vender á marinham. A tez morena e tismada dos catraeiros; o seu trajó tão pittoresco e singular, vinham recordarnos que eramos chegados a Lisboa—Não sei em verdade, se diga... a «*fragrante*». Não... não me atrevo, pois creio que não haverá viajante, a principiar em Colombo e acabando na minha humilde pessoa, que a não verbere, em seus escriptos, como cidade «*de captivo aroma*». Deus affaste de nós a tentação de percorrermos aquelles estreitissimos hêccos, travessas e veredas tortuosas; e nos livre do pungente effluvio das suas nada ambrosiacas ventanias.

applauso mereceram; mas, vendo afinal o trocintins que não acudiam freguezes, fez se de novo para o batel, mais a sua mercadoria, e lá foram tambem chinellando atraz d'elle as pobres das taes *sereias*.

O homein, coitado, entrara com o pé esquerdo: no acto de estender o braço para receber de um barqueiro o saquitol das moedas, na intenção de trocar algum dinheiro inglez a um dos nossos marinheiros, não se aguentou no balanço, e fazendo movimento em falso, escapa-lhe da mão o sacco do peculio, que lá foi bailar ao charco, e... era uma vez dinheiro! O pobre diabo do D. Fulano, dizia mal á sua vida—praguejando, clamava vingança e ameaçava os catraeiros.—Estes, encom-

<sup>1</sup> No principio do presente seculo existiam, em Lisboa, numerosos cambistas e rebatedores, na maxima parte maltozes, que armavam seus estendões ambulantes, nas immedições do Terreiro do Paço, Arsenal, etc.

justificaram amplamente a informação. O dono da casa, sollicito em nos obsequiar, mandára desobstruir, de todo, a plataforma, ou eirado, que servia de telhado ao prédio, e ali passámos uma tarde deliciosa, em doce ripanso e com muito boa pinga, gozando a maravilhosa perspectiva que d'ali para todos os lados se disfructava.

Concluidos que foram nossos preparativos de campanha, dirigimo nos para o acampamento de Monte-Santo, nas cercanias de Belem, e fomos apresentar-nos ao nosso regimento, o qual, por pertencer ao exercito de Sir John Moore, marchou d'ali a dias para Salamanca.

A primeira terra de alguma consideração que encontramos no caminho, depois de termos sahido de Lisboa, foi Villa Franca, d'onde marchámos em direitura a Santarem. Nesta villa importante, na qual, alias, pouco nos demoramos, havia nada menos de 27 conventos; e por signal que, com respeito a um d'elles, succedeu um caso divertido, que serviu, não somente para variar os



monotonos incidentes da jornada, como também de gaudío aos graciosos e aos dados a facecias — que não havia poucos no regimento.

Um official, muito moço ainda, *importado* de uma cidade provinciana das mais afdalgadas da Inglaterra, o qual, ao qual parecia, tinha suas fumaças de cavalheiro andante; sem descansar, rondava noite e dia um dos taes conventos, não despregando a vista das janellas, esperando em topar com qualquer mirifica donzella de olhos negros, cujos encantos a sua imaginação juvenil acariciava com ardor. Desanimado, porém, e já prestes a desistir da empreza, eis que o nosso piza-verde dá com os olhos n'uma figura envolta em brancas vestes, que parecia espreital-o e seguir-lhe com certo interesse os movimentos, lá de longe, d'uma das mais reconditas janellas do mosteiro. Pegara fogo ao rastiho! Eis o nosso bonifrate já com os miolos a arder! Antevia, com delicia, a realisação do romance que, durante tão longo tempo, viéra sonhando. Vê-la e amal-a; confronta-a com o ideal que trazia estampado na mente, foi dito e feito! Eil-o apaixonado até ás pontas das unhas—rêndido perante o supposto thesouro de formosura, mocidade e perfeição! Mal dizia, porém, a distancia que o separava de tão apeteçida preza, de tão longinqua visão! A fantasia, supria no emtanto, o vacuo. A beldade, a principio correspondia com apparente timidez, á vehemente pantomima, tão expressiva de arroamento e de paixão; todavia, eternecida provavelmente, pela acrisolada paciencia do nosso heroe, e pondo, afinal, de parte todo e qualquer constrangimento, entrou a juvenil aparição a fazer-lhe acenos de cabeça, enviando-lhe, com graça angelica, beijos nas pontas dos dedos.

Aprazar, mediante signaes, um ponto de encontro, uma cita, era coisa mais facil, decerto, de pensar que de exprimir; e, posto que, no conceito do nosso zagal innamorado, a donzella abundasse, a par d'elle, em desejos de vir á falla, como se havia, porém, de realisar tal intento?—Ahi é que batia o ponto.

Escalar o muro, isso para elle era nada—mas o peor é que só de noite o poderia conseguir. O que immediatamente lhe acudiu á ideia foi arranjar confidente. Lembrou-lhe sollicitar o auxilio de um official seu camarada, e tractou desde logo, de pôr em practica o alvitre:— não lhe pesava o pé uma onça; eil-o de volta com o dedicado amigo, o qual, n'essa qualidade, fez tudo o que em taes circumstancias podia fazer, que foi offerrecer-lhe o prestimo para tudo quanto fosse preciso...

Tão preocupado estava o nosso donzel apaixonado, que nem por sombras percebeu um certo risinho mal disfarçado, que vinha, de vez em quando, animar as feições do seu amigo. Conseguido, como suppunha, o seu fim, andava já pelas regiões paradisiacas. Depois de repetidas promessas de segredo, eil-o ahi vae, quanto lh'o consentiam as vertiginosas sensações que o estonteavam, tratar de dar ordem ao preciso para o contemplado rapto.

O magano do confidente, porém, assim que o viu pelas costas, foi d'ali direitinho pespegar tudo aos companheiros, e, ora imaginem, se dariam ou não, largas ao riso. E, como soubessem que o convento era de frades cruzios, conjecturaram desde logo, que a imaginaria Dulcinéa, seria qualquer marmar, algum corpulento e velho fradalhão, e a historia foi festejada em choro de retumbantes gargalhadas.

N'este comenos, e enquanto o impetuoso amante aguardava, em transe de palpitante ansiedade e de esperança, o desfecho da romantica aventura, recebem as tropas ordem de marcha, a qual veio lançar agua fria no incendio que o abrazava, e deitar por terra o castello que na imaginação levantára. E, entretanto, para aggravar ainda mais a confusão e o dissabor do pobre diabo, era voz constante que, antes de marchar, recebera este carta do geral do convento, na qual o bom do abbade dizia que, tendo-lhe constado que um mancebo constricto, fora visto a rondar com insistencia o mosteiro, dando muito nas vistas seus apparentes signaes de arrependimento e o ardente desejo que manifestava de transpor os sacros hombraes da casa santa; elle, abbade, estava por tanto, persuadido que o neophyto apenas se detinha em dar um tal passo, mercê d'essa modestia e humildade naturaes áquelles que a divina graça toca pela vez primeira; e que, por tanto, o convidava, em nome de todos os bemaventurados da corte celestial, a vir prestes receber o santo osculo dos seus noventa irmãos em Christo; — e que, quanto mais depressa se decidisse, melhor, antes que o maligno espirito das trévas lograsse, de novo, lançar-lhe as garras aduncas.

Eu só quero que me digam com que cara ficaria o pobre do nosso heroe ao receber uma bomba d'estas.

Deixo, pois, á imaginação do leitor o cuidado de avaliar o estado do homemzinho e de tirar as respectivas conclusões. Fosse qual fosse a impressão que elle recebeu, o que não padece duvida é que não deixaria de ficar escaldado da lição optima, em annos tão juvenis e tão proprios a receber ensino e que no futuro, lembrando-lhe a famosa aventura, nunca mais correria atraz da sombra.

Depois de deixarmos Santarem, passámos o Tejo em Abrantes, e viemos atravessando terras incultas e quasi ermas de povoação. A estrada cortava a través de baldios e charnecas e quasi que não encontrámos viv'alma. O aspecto triste dos sobreiros e olivedos concorria e não pouco a augmentar o enfado de tão fatigante e extensa jornada. Valiam-nos ainda assim, o genio alegre, folgasão e a conversa animada de alguns companheiros. Fizemos varias paragens nas extensas e infinitas planicies antes de tornarmos a passar o Tejo; e, ao cabo de alguns dias de marchas que nos estafavam, subimos para Castello Branco aonde nos receberam do modo mais hospitaleiro possível, facto que se renovou em varias villas e aldeias até chegarmos a Salamanca.

Não prima pelos encantos a velha cidade de Castello Branco; é pobre em attractivos quaisquer que sejam; a bonhomia, porém; a disposição lhana e franca dos habitantes, compensavam amplamente taes deficiencias; e, quando d'ali sahimos todos troxemos saudades, e a todos pareceu curto o tempo que lá nos demorámos.

Fui aboletado, com mais dois companheiros, para casa de um medico, excellente pessoa, e que nos tractou como principes. Tanto elle como a mulher e mais familia desfizeram-se em obsequios para conosco.

Um dos filhos do doutor, moço de 15 a 16 annos, dirigiu-me, logo á entrada, a pergunta obrigatoria:— «É catholico?» — porein, assim que ouviu a minha resposta negativa, assumindo tom dogmatico, olhou para o tecto e disse: «Ah! os catholicos vão lá para cima; apontando, em seguida para o chão, com gesto succedido, acrescentou: «mas os protestantes, esses, vão lá para baixo».

(Continua)

Spectator

## SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 385)

Estevam mentia, mas esta mentira fora já premeditada entre a construcção do seu plano, — o Rosalia, agitada, esperava, a cada instante, ver sahir da bocca do rapaz, um grito de indignação contra os seus amores com Silvestre, a quem aquellas palavras parecia vagamente alludirem...

— Ora como nós, passado esse dia, não podemos perder tempo a convencer tua tia, — tornou Estevam, — lembra-me do seguinte expediente, que foi uma inspiração do ceu! E agora, é que eu vou pôr em prova o teu amor.

— Dize...

— Antes, responde-me tu a uma coisa: tens absoluta confiança em mim?

— Que queres tu dizer?... Tenho.

— Bem. Se eu, um dia, te disser: «Rosalia, perto d'aqui, está um padre á nossa espera, para nos unir; eu sou bastante rico para desprezar a riqueza que tua tia zella; vem!» Se eu te disser isto, seguir-me-has?

— Fugir?!

— Fugir, sim, fugir para a felicidade. Se o teu amor pode esperar pela idade que te ha de tornar independente, o meu não pôde! Dir-me-has que o expediente é mau... Mas o fim, tal como é, santifica-o!

— E para que, para que tantos excessos? Por que ha de minha tia oppôr-se á minha vontade?

Oppõe-se, sei o eu! — continuou o larcista, com mais fogo. — A razão porque o faz, é um segredo que um dia te revelarei... E chamas a isto excessos! Sim, é um excesso d'amor, d'este amor que me rasga a alma de impaciencias. Sabes?... Enquanto tu não fores minha, só minha, parecer-me-has que de toda a parte vêm gritos a disputar-me a tua formosura! Ah, minha pobre filha! tu não sabes o que é o coração de um homem, ferido por um olhar como o teu; não sabes, não! Nunca uma febre como esta te incendiou o ser, porque o teu sentimento não passa de um aroma

penetrante que envolve os sentidos em uma somnolencia povoada de visões floridas e cambiantes...

Rosalia escutava em silencio, impressionada por aquellas palavras melodramaticas que lhe avivavam a obsessão do seu *criminoso* amor a Silvestre; momentaneamente, excitada pela rhetorica falsa do rapaz, o seu espirito remergulhara n'essa onda de pensamentos, crise de remorsos em que se penitenciava pela preferencia que a sua alma dava ao sobrinho do conego; e todas as reflexões que vinham á tona d'este abatimento moral, impelliam-na a deixar-se subjugar pela vontade de Estevam, para d'esta maneira soffrer a pena da sua infidelidade.

Entretanto, a torrente de palavras com que o rapaz iniciára a campanha, não se extinguiu ainda; e adivinhando, no silencio de Rosalia, a impressiva commoção que ellas lhe causavam, continuou a hypnotisá-la com aquelle fluxo oratorio, vasio e apparatuso. Afinal, certo ja do triumpho, e em vez das declamações madrugalescas que até então estivera exhibindo deante do rapaz, sentouse ao lado, tomou-lhe affectuosamente as mãos, e n'uma voz confidencial e perturbadora, explicou:

— Escuta. Eu tenho um padre, meu amigo, a quem pedirei para nos consorciar clandestinamente, n'uma igreja qualquer d'aqui ou de alguma aldeia proxima. Será de noite; eu irei esperar-te á porta da casa, quando todos estiverem adormecidos. Tu deixarás uma carta a tua tia; explicando-lhe o teu destino: ella zangar-se ha, bramirá, mas afinal ha de acolher-nos bem, porque tu es a unica pessoa da sua familia. Nada mais simples nem mais summario. Se tu lh'o confessasses antes, era capaz de te afferrolhar dentro de casa, só para te livrar de mim. Assim, tudo se evita; faremos uma viagem ao estrangeiro, para desvanecer a primeira impressão desagradavel que isto possa causar nas pessoas da tua amizade, e, quando regressarmos, encontraremos o ceu sem nuvens, e a vida correr-nos ha n'uma tranquillia ventura! Foi uma boa lembrança, não foi? Uma inspiração do ceu! Então, que dizes?...

Rosalia estava indecisa. Aquelle plano parecia-lhe monstruoso, como uma ficção de pesadelo. Todavia, no seu espirito enevoado de credices e de receios supersticiosos, aquellas palavras: «inspiração do ceu!» — repercutiam, como uma ordem sobrenatural, a castigar os desvios peccaminosos da sua sensibilidade. E, sob esta pressão morbida, as palavras que pronunciou fora n' submissas e covardes:

— Pois sim, farei tudo o que tu quizeres...

— Juras?

— Juro!

Quando se separaram, Estevam exultava com o seu triumpho. Executando aquelle plano extremo, deixaria Clara com os paes, de surpresa, e — «que se arranjasse, depois!» Quando o facto da sua gravidez fosse innocuavel, já elle estaria longe, com a felicidade inaccessivel á vingança do sacristão e ás lamentosas recriminações de Clara. — E, combinando esta conduta inqualificavel e torpe, nem um só remorso perturbava a sua alegria, ao lembrar-se da vil ingratição com que sacrificava todos aquelles de quem fora querido e que, desde creança, se habituara a olhar como propria familia!

— O caso é — monologava elle, penetrando no quarto, em pés-de-lan. — O caso é que Clara disfarce bem as coisas, até lá!

Silvestre, entretanto, desesperava-se para comprehender as incoherentes phases do caracter de Rosalia. Desde o noite em que pactuara com Estevam, aquelle absurdo projecto de fuga, a rapariga sentia uma inexplicavel dor, quando Silvestre a visitava ou lhe remetia, n'uma folha de papel, as effusões da sua paixão; e o phenomeno de sensibilidade que até então favorecia Estevam, começou da mesma maneira a proteger o advogado, a quem a trama de Estevam sacrificava cruelmente. Esta atormentada lucta que dois sentimentos diversos (porque ella amava Silvestre e Estevam, mas de differente modo) travavam no seu coração, dava-lhe desesperos, allucinações momentaneas, e então todo o seu refugio era o oratorio onde os seus labios frementes balbuciavam a sua dor e pediam uma voz extrahumana que a guiasse n'aquelle pantano de afflicções. De esta excessiva serie de emoções, o espirito sahia-lhe dubio, sem lucidez para se orientar no meio das confusas veredas da sua existencia moral; e tudo eram incoherencias, desequilibrios tão evidentes, que D. Florença começou a suspeitar da sanidade intellectual da sobrinha. Relacionando estes symptomas com a monomania religiosa em que fallecera sua mãe, a velha viu n'aquelle



## POESIAS EM UM «ALBUM POLYGLOTTA»

Offerecido ao Santo Padre Leão XIII

facto uma alarmante manifestação hereditária, e exprimiu, um dia, ao conego Pestana, a intenção de submeter Rosalia a um exame medico.

— O que aquillo é, D. Florencia, — advertiu o ecclesiastico, — é necessidade de casar!

— Não gracieje, senhor conego; olhe que o caso é serio. Estou com medo de que a pobre Rosalia acabe como minha mãe.

— Ora, deixe-se de essas scismas! Aquillo é a natureza a puxar por ella, fique-se com esta, D. Florencia! Isto é um mal que chega a todos e até aos homens, embora o não pareça. Olhe, o meu sobrinho, tambem ha coisa de quinze dias, não anda escoreito; fecha-se em casa, falla, so pragueja, e tem desesperos por dá cá aquella palha. Sabe o que lhe digo, D. Florencia? Isto de gente nova custa a aturar como a bréca!

— Lá isso é verdade. Mas a Rosalia, era uma excepção, conego! Não havia creatura mais docil e de melhor genio.

— Tal qual como o meu Silvestre. Olhe, sabe que mais?... A mim, parece-me que aqui anda segredo,

— Segredo?

— Sim, minha senhora. Eu desconfio que o meu sobrinho e cá a D. Rosalia, trazem paixão um pelo outro. Isto é o que eu desconfio, cá por coisas...

— Mas porquê? — interrogou D. Florencia, que não parecia muito sorprendida.

— Olhe, o meu rapaz, desde aquelle dia em que fomos á quinta de Setões, vêr as aguas, mudou de vida e de genio. Nem parece o mesmo. Ora succede que a senhora sua sobrinha, tambem fez mudança dentro d'este tempo. Uma coisa pega á outra, não lhe parece? Porque, de resto, D. Florencia, eu acho isso muito natural: são ambos novos, ambos bem parecidos; elle diz p'ra aqui, ella responde p'ra acolá, mais isto, mais aquillo; e, afinal, catrapuz! apaixonam-se um pelo outro.

Houve um pequeno silencio.

— Eu, para ser verdadeira — obviou D. Florencia, — devo dizer que tambem já tinha algumas desconfianças, mas não queria precipitar as coisas, sem saber, com certeza, se era verdade ou não... Mas, pelo que vejo então, a doença de Rosalia...

— E' a natureza a puxar, D. Florencia. E' mais claro do que a agua!

— Pois se assim é, o remedio está perto.

— Onde?

— Onde ha de ser? na igreja.

— Casal os?

— Pois já se vê, Rosalia é rica, precisa de um marido capaz de administrar e conservar os seus bens; e seu sobrinho é um cavalheiro de quem não tenho a dizer, senão bem. Admira-se de eu fallar assim?... Disseram-lhe, talvez, que eu queria fazer de Rosalia uma irmã de caridade, e outras tolices. E' verdade que sou muito religiosa, mas, por isso mesmo, não contrario a vontade de meu irmão, que deixou á filha plena liberdade de escolher o futuro... Ora, não é por o conego estar presente, o seu sobrinho parece-me, em tudo, merecedor de Rosalia.

— Não digo que não. Elle, bom rapaz, é. Tem bom coração, e apesar de parecer estouvado como um pintasilgo, tem tino quando é preciso. Não é por ser do meu sangue, mas é um rapaz como se quer.

— Pois ahí tem. De maneira que se elles se agrailaram um do outro, o melhor é acabarmos com isto, porque eu tambem estou a necessitar de quem me auxilie na administração da casa: já não estou para essa faina; os foreiros e caseiros não fazem se não enganar-me, e são roubos e mais roubos! Nada, nada. Olhe, o senhor averigue lá isso, em que alturas vão os agrados do seu sobrinho com Rosalia, e depois combinaremos.

— Tambem me parece o melhor. Ah, D. Florencia, depois ficamos quasi como sogros um do outro... quero dizer: quasi como sogros dos nossos sobrinhos: não... Oh, que embrulhada! Sabe o que mais? Ficamos, assim, a modo de parentes...

— Decerto, decerto! Então está combinado; o senhor indaga lá do seu sobrinho... Mas isso com cuidado, que, ás vezes, não sejam sem fundamento as nossas desconfianças.

— Agora são! E' tão certo elles morrerem um pelo outro, como dois e dois serem quatro. Mas pôde ficar descansada: eu tenho artes para tirar nabos do pucaro, sem me escaldar, como diz o outro. A gente, na confissão, aprende e ssas manhas.

— Bem, ficamos combinados.

— Combinadissimos! Qualquer dia, cá me tem com tudo em pratos limpos.

— Bem, bem, cá o espero.

(Continúa.)

## TEXTO

## A BARCA DE S. PEDRO

Trevas no firmamento, em noite borrascosa!...  
Todo braveza o mar!  
E a barca de San'-Pedro, a barca myst'riosa  
Quem a pod'rá salvar?

Uiva a impiedade infrene: e contra Deus Eterno  
Sólta pragas o atheu!  
Prevalecem talvez negras portas do Inferno  
Contra o azul do Céu...

Quem reina é Satanaz? quem reina é o Anti-Christo?  
Ai! virgens de Sião,  
Ameça-vos feroz um látigo imprevisto  
De opprobrio e escravidão!...

Mas... desfralde-se afoito o pavilhão da Egreja...  
E co' o favor de Deus  
A barca de San'-Pedro impavida veleja  
Por sobre os escarcéos.

Segura-lhe no leme o braço archi-potente  
De um destemido arraes:  
É Leão XIII, o Grande, o que de erguida frente  
Arrosta os vendavaes.

E ruja imhora o vento em noite procellosa,  
Todo furias o mar!  
A barca de San'-Pedro, a barca gloriosa,  
Ha de o porto alcançar.

Já lá clareia ao longe a bonançosa aurora  
De paz e mansidão...  
E surgirá porfim o sol na redemptora  
Terra da Promissão.

Para intercalar entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> quadra:

Freme raivas o vento! incapella-se a vaga!  
Recresce o furacão!  
Ai! se a vela se rasga... Ai! se o batel se alaga  
No horrivel turbilhão!

Xavier da Cunha.

## TEXTO

## LEÃO XIII

Agora que mais ruge a tempestade,  
E que em seus fuadamentos, convulsiva,  
Da sombra, do erro, do pavor captiva,  
Parece baquear a sociedade;

Agora que o fulgor da liberdade  
Ameça tornar-se chamma viva,  
E que raivosa, a multidão altiva  
A' força tenta impor sua vontade;

Só a barca de Pedro, soberana,  
Corta as ondas intrepida e quieta,  
Astro de santa paz na guerra humana.

Leva á poppa um Leão, da egreja athleta,  
Segue a esteira da Fé, que o mar lhe aplanava,  
Dirige-a do Senhor a voz secreta.

José Ramos Coelho.

## VERSIONE

## LA BARCA DI S. PIETRO

Tenebra fita é in ciel! La notte è tempestosa!...  
E spuma e rugge il mar!...  
E la barca di Pier, la barca misteriosa  
Chi la potrà salvar?

L'empio sfrenato ufúla: e contro Dio Eterno  
Blasfema l'infedel!  
Forse prevalgono or le atre porte d'Inferno  
Contro l'opra del Ciel?...

Chi ormai regna é Satán? Chi regna é l'Anti-Cristo?  
Ah! vergini di Sión,  
Stá su di voi sospeso un flagello imprevisto  
D'obbrobrio e d'oppression!...

Ma... sventoií la bella insegna della Chiesa...  
E col Divin favor  
La barca di San Pier náviga senza offesa  
Sopra l'onde in furor.

Ne governa il timon il braccio arcigagliardo  
D'intrepido nocchier:  
Ed é il GRANDE LEON, quel che sereno in guardo  
Del mar sfida il poter.

E infurii pure il vento in notte procellosa,  
Sia pur sconvolto il mar!  
La barca di San Pier, la barca gloriosa,  
Dovrà nel porto entrar.

Ecco; già appar lontan l'aurora annunziatrice  
Di pace e salvazion...  
E il Sol spunterá infin sopra la redentrice  
Terra di Promission.

Ritornello tra la 1.<sup>a</sup> e la 2.<sup>a</sup> quartina

Freme impetuoso il vento! e si accavalla l'onda!  
Cresce il turbine ognor!  
Ah! se la vela cede... ah! se il battel si inonda  
In mar di tanto orror!

Prospero Peragallo.

## VERSIONE

## LEONE XIII

Or che infierisce piú la tempestade,  
E che in sue basi scossa, convulsiva,  
Pavida, errante, d'ogni luce priva,  
Par che volga al suo fin la societate;

Or che il fulgóre della libertate  
Minaccia transformarsi in fiamma viva;  
Or che la plebe, che vil rabbia avviva,  
Vuol col terrore impor sua volontate;

Sol la nóbil di Pier barca cristiana  
Solca intrepida l'onde, e ognor quieta,  
Astro di pace nella guerra umana.

Ne é piloto un LEON, di Cristo atleta,  
La Fede, ch'è il suo Norte, il mar le appiana,  
La guida Iddio con sua voce secreta.

Prospero Peragallo.





Recebemos e agradecemos:

**O Cenaculo.** Revista critica e litteraria (publicação quinzenal) n.º 4.

Uma graciosa revista, e como folha que é da poetica Coimbra não podia deixar de ser, cheia de poesia. Assim, vem matisada com formosas composições, sendo para notar as quintilhas, intituladas *Olhos cõr do crime* em que ha versos deliciosos como estes:

teus olhos negros são de velludo  
são de velludo negro os teus olhos...  
teu olhar falla quando está mudo...  
mesmo callado me dizes tudo  
doce velludo, senda d'abrolhos.

Longa vida á delicada e elegante revista.

**Revista Moderna.** semanario illustrado. José Bastos, editor N.º 1 e 2. 1895.

Bem impressa revista, em ottavo, a duas columnas por pagina. Os numeros indicados inserem algumas gravuras muito bem feitas. Tomou para sua divisa as phrases: *Bom senso e Bom gosto* a qual pretende seguir tanto quanto possível. Publica artigos de interesse e um romance de Watter Scott e na secção de *Publicações* lêem-se algumas palavras amáveis dirigidas ao Occidente as quaes muito agradecemos.

Temos presente os n.ºs 3 e 4 d'este semanario. N'elles se vêem bons desenhos e artigos curiosos.

A publicação da gravura do quadro de S. Pedro, da Sé de Vizeu, que fizemos no nosso n.º 577, primeiro d'este anno, inspirou ao sr. João Sincero, collaborador da *Revista Moderna* um artigo que, embora largo sobre o assumpto todavia, em nada esclarece as questões ventiladas sobre o quadro e suas origens, etc.

O n.º 4 vem bem collaborado e entre outros artigos distinguem-se *O cedro Deodara* por José Silvestre e um mimosissimo excerpto do *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro. Temos tambem presentes os n.ºs 5, 6, 7, 8 e 9 igualmente apreciaveis.

**Relatorio.** dos actos da direcção da associação commercial do Porto, no anno de 1894. *Typographia do Commercio do Porto.*

Grosso volume com 262 paginas e 15 mappas. Trata desenvoldidamente da existencia social, da sua administração e dos multiplices e importantes encargos a que está sujeita esta notavel associação.

Vem muito bem redigido, claro e lucido, e d'elle se evidenciam os esforços que da direcção tem dimanado para o bom nome e actos d'essa agremiação.

A redacção do presente relatorio é do dignissimo secretario sr. Isidoro da Fonseca Moura o qual com distincto criterio expõe succintamente todos os trabalhos da direcção de que fez parte.

**Revista dos Lyceus.** publicação mensal. Porto. No numero que temos presente inserem esta revista varios artigos de valioso interesse todos da

penna do erudito professor dr. Adolpho Coelho. Bastante sensatos e tratando de um assumpto notavel — a reforma da instrucção secundaria.

Completam o folheto algumas indicações sobre publicações recebidas. Recebemos tambem os dois numeros seguintes, 5 e 6.

**Memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na igreja de S. Roque de Lisboa.** *Typographia da Santa Casa da Misericordia, 1894.*

As obras de que falla esta memoria, foram executadas, desde 12 de outubro de 1893 até 18 de junho de 1894, sob a habil direcção do sr. Antonio Cesar Mena Junior, distincto e consciencioso conductor de obras publicas e de minas o qual modestamente demonstra os trabalhos que dirigiu, compilando com rara intelligencia as inscrições que se encontram no magestoso templo de S. Roque muitas das quaes tratou de conservar e ainda restaurar tanto quanto era possível.

E' um pequeno tributo para a historia a que não falta valor nem interesse. Ao sr. Mena agradecemos a sua gentil offerta.

**Do Tejo a Paris,** por Oscar Leal. Lisboa 1894.

N'este folheto, de oitenta paginas, condensou o sr. Oscar Leal as suas impressões de amador e de estudioso.

Descrevendo, a vôo de passaro, as capitães das

nuncios das casas commerciaes mais conceituadas.

**Le Monde Moderne, Revue mensuelle illustrée.** Février 1895. Quantin editeur. Paris.

Mais variado que o primeiro numero, apresenta o n.º 2 da *Monde Moderne* muitos artigos ineditos e interessantes e um grande numero de gravuras. E' deveras bem feita esta revista franceza. Entre os muitos artigos notaveis destacam-se *Les mouvements de l'ouvrier dans le travail professionnel*, *Le socialisme*, *L'impôt* e ainda outros de feição meramente litteraria. Recebemos já os n.ºs de março e abril que, se apresentam muito curiosos.

**O Instituto, revista scientifica e litteraria, volume XII.** Dezembro de 1894. Terceira serie, n.º 18. Coimbra. *Imprensa da Universidade.*

Com o presente numero complecta esta conceituada revista scientifica o seu quadragessimo primeiro volume referente a julho de 1893 até dezembro de 1894.

Collaborado selectamente, como sempre, insere artigos de valor, avultando o do sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos — *A doutrina da immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra*, notavel discurso proferido pelo auctor na real capella da Universidade, na festa de 8 de dezembro de 1894.

Essa formosissima oração, bordada sobre o mais sympathico thema lithurgico, é na verdade bem urdida como merecia, pois que Maria como Mãe de Deus é o typo omnimoda da mulher, trahendo de graça, sobrenatural e divina, e esta crença inspirou muitas das mais primorosas obras que o genio christão tem produzido.

**O Trapeiro de Paris,** por Felix Piat, versão de Guilherme Rodrigues. 5 volumes em ottavo.

O sr. João Romano Torres, illustrado gerente da Empresa editora «O Recreio» Lisboa; publicou em portuguez este notavel romance socialista o qual tem merecido grande accitação não só pelo que vale como tambem por ser um romance escripto d'uma forma brilhante. Pela narração se desenvolvem magistraes quadros, ora cheios de poesia e de verdade, ora graves e accidentados.



JESUS CHRISTO E A SAMARITANA

COELHO, JE. ALBERTO

tres nações vizinhas apresenta muitas indicações e noticias dignas de leitura.

**A voz de Chaves, N.º 99,** do anno de 1895. *Semanario Independente.*

Recebemos este numero da conceituada folha flaviense o qual constitue um numero brinde muito apreciavel.

Impresso em bom papel, a primeira pagina é enriquecida com phototypias representando o pessoal e material de incendios pertencente á instituição de bombeiros voluntarios que na cidade de Chaves se acaba de organizar, tendo por fundador os srs. Augusto de Carvalho e Carlos de Oliveira, cavalheiros dignos dos maiores elogios pela sua humanitaria e benemerita iniciativa que tantos beneficios pôde prestar aos povos d'aquelle concelho.

**Brinde.** do *Diario de Noticias aos seus assignantes em 1894.*

E' este o trigessimo brinde que o *Diario de Noticias* offerece aos seus assignantes

Contém quatro elegantes composições litterarias de auctores reputados, e todas são muito graciosas e dedicadas.

Este anno, o brinde, vem repleto de an-

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

### Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

### Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo. Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 27